

“A EXPEDIÇÃO ESQUECIDA”

Em Março de 1931, após mais de um ano de preparação, segue para Moçambique uma expedição etnográfica, com o objectivo de reconhecer as regiões centrais da então colónia portuguesa, até àquela data *terra incognita* em termos científicos. A missão dos dois exploradores, Günther Spannaus (1901-1984) e Kurt Stülpner (1901-1980), teve auspícios e patrocínios vários, destacando-se a Universidade de Leipzig como promotora da iniciativa. Regressam à base no final do mesmo ano, após permanência numa faixa de território compreendida entre a cidade da Beira, a fronteira com a Rodésia do Sul e o rio Save.

A exposição *Die Vergessene Expedition* (A Expedição Esquecida), esteve patente ao público entre Setembro de 1999 e Maio de 2000 no Museu de Etnografia de Leipzig e pretendeu divulgar os resultados da dita expedição, cujos materiais reunidos não tinham ainda sido sistematicamente tratados e analisados. Ao expor o acervo recolhido, os organizadores recriaram um enredo tecido entre o passado e o presente, tanto na Alemanha, como em Moçambique.

Ao visitante foi dado apreciar numa área de cerca de 400m² centenas de artefactos do espólio recolhido há 70 anos, visionar extractos das películas então rodadas, ouvir trechos de gravações feitas, ver vídeos feitos no presente e sobretudo admirar um conjunto muito significativo e agora único das fotografias tiradas pelos exploradores.

Foi intenção dos organizadores (Karin Bautz pela universidade, Giselher Blesse pelo museu) proporcionar ao público uma visão assente em vários ângulos de enfoque: o modo de recolha, entre o reconhecimento geográfico, os apoios logísticos dependentes de missões religiosas e das autoridades coloniais, o levantamento etnográfico para o conhecimento de populações até então não estudadas, neste caso os Ndau e os Hlengwe, o regresso. No termo de alguma aventura, a desventura dos resultados terem permanecido, por razões várias, praticamente sem o remate final previsto e desejado, a elaboração de monografias.

A exposição mostra numa forma sistematizada a diversidade e o manancial dos materiais recolhidos, evidenciando-os como testemunhos dum passado hoje desaparecido. Entre eles destaca-se a preocupação totalizante e comparativa (as populações bantas) então predominante nos estudos etnográficos. A documentação agora estudada mostra como a escolha da região a abranger pelos dois exploradores alemães resultou, por último, do conselho e da opinião de Henri A. Junod (1863-1934), missionário e autoridade em matéria etnográfica, autor da obra *The Life of a South African Tribe* (1912-13, tradução francesa 1936, tradução portuguesa 1944-46, ²1974, ³1996). As posteriores atribuições na vida pessoal dos expedicionários de Leipzig foi lamentável, na medida em que sobre uma população moçambicana só em 1948 encontramos outra monografia publicada, a de Hugh Tracey *Chopi Musicians* (a versão portuguesa *Gentes Afortunadas. Música Chope* é de 1949). G. Spannaus e K. Stülpner deveriam figurar como autores entre estas datas. Tal não

ocorreu. Assinale-se ainda que outras expedições conduzidas por etnólogos de língua alemã, empreendidas nessa mesma altura, nomeadamente a colónias portuguesas, deram origem a monografias científicas e livros de divulgação. Refiro-me ao austríaco Hugo A. Bernatzik (1897-1953), que no início da mesma década, acompanhado da mulher e de B. Struck, percorreu a então Guiné portuguesa.

Trajectos pessoais e destinos científicos são, pelos vistos, constelações individuais em teias sociais e, nessa medida, únicas e imprevisíveis. O esquecimento transforma-se num elemento reflexivo de importância primordial.

A acompanhar a exposição foi editada uma publicação, a servir também de catálogo: K. Bautz & G. Blesse (1999) *Die Vergessene Expedition. Auf den Spuren der Leipziger Moçambique-Expedition von 1931*. Leipzig: Museum für Völkerkunde zu Leipzig, ISBN 3-910031-24-2, 182 páginas, profusamente ilustrado p/b e cor, 1 extra-texto com a reprodução do mapa levantado pelos exploradores; preço DM 25.

A equipa de investigação fornece boa informação sobre as relações entre personalidades ligadas à investigação etnográfica, à política museológica neste domínio, ao papel inicialmente previsto para esta expedição (publicação de monografias sobre os Ndau e os Hlengwe, colecção etnográfica para os museus), bem como sobre a reconstituição do âmbito científico-institucional então existente (K. Geisenheiner), o tratamento e recuperação do espólio artefactual, sonoro (Ch. Seiger) e fotográfico. G. Blesse dedica um estudo à informação etnográfica fragmentada extraída dos diários de campo dos exploradores. K. Bautz escreve sobre os vestígios do passado e a sua tentativa de reencontrá-los hoje na região moçambicana em causa.

“A Expedição Esquecida”, eis o título dum projecto de investigação, duma exposição e duma publicação dedicadas a uma missão etnográfica alemã nos anos 30 à Africa Oriental. Trata-se duma iniciativa válida a vários níveis. Primeiro, porque constitui um contributo para o estudo de colecções etnográficas depositadas e apagadas na memória da comunidade científica em instituições universitárias ou museológicas. Segundo, a inventariação e tratamento respectivos implica sempre a recontextualização das acções de recolha no tempo e no espaço. Terceiro, a leitura actual que se nos proporciona: a busca de sentidos caracterizadora do discurso antropológico. Aqui os organizadores quiseram operar com a noção de esquecimento. Por último, sublinho a importância da investigação realizada e agora apresentada ao público interessado, que fornece elementos relevantes e que importam a investigações similares.

A qualidade gráfica é digna de menção. As legendas das fotografias das peças não referem o respectivo número de inventário para sua completa identificação, apesar de em anexo se reproduzir a inventariação feita pelos colectores; ou poder-se-ia ainda ter optado pelo número da peça na exposição. Ficaram omissos os parâmetros descritivos que podem e devem figurar num catálogo, mesmo se apresentado como publicação com autonomia. O mesmo não ocorre com o espólio fotográfico, em que essa determinação foi feita com rigor. A concepção expositiva é clara e de fácil leitura para o visitante. Fez-se uma ordenação temática dos artefactos, que pode significar uma tentativa de reconstituição do plano certamente existente na mente dos cientistas para as monografias. No catálogo, a noção de esquecimento emerge como *leitmotiv*; não teria sido possível introduzi-la no próprio discurso expositivo, de forma a interrogar o papel da monografia etnográfica?

No conjunto é um trabalho bem feito, desenvolvido com empenho e cientificamente relevante. Um projecto de investigação conduzido em boa hora e que permite indagar as

vertentes e componentes do discurso etnográfico na modernidade, sobretudo quando se começa a dispor de bases comparativas. Recordo um outro projecto expositivo recente, dedicado ao espólio de um viajante em missão pessoal, bem solitária, entre os Hopi e os Navajo do Sudoeste Americano (cf. Guidi, B. C. & N. Mann, orgs., 1998, *Photographs at the Frontier. Aby Warburg in America, 1895-96*. Londres: The Warburg Institute, com versões em francês e em alemão). Como actuam imagem fotográfica, escrita e artefactos? Aby Warburg tinha em mente Botticelli, a Florença renascentista, entre outras questões relativas à história da arte no ocidente. Ao retratar os seus indígenas moçambicanos, G. Spannaus e K. Stülpner estavam de igual forma a tentar romper uma fronteira do seu conhecimento. Não será que o seu legado fotográfico nos diz mais do que as tais monografias deixadas em suspenso?

Jorge Freitas Branco

ISCTE, Dep.º Antropologia, Lisboa